

LUÍS MIGUEL PEREIRA PLENO

Family Environment Scale (FES):

**Contributos para o desenvolvimento da versão
reduzida da escala para a população portuguesa**

Orientadora: Professora Doutora Ana Nazaré Prioste

Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias

Faculdade de Psicologia e das Ciências da Vida

Lisboa

2017

LUÍS MIGUEL PEREIRA PLENO

**Family Environment Scale (FES): Contributos
para o desenvolvimento da versão reduzida da escala
para a população portuguesa**

Dissertação apresentada para a obtenção do Grau de Mestre em Psicologia Clínica e da Saúde, conferido pela Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologia no dia 20 de dezembro de 2017, perante o Júri nomeado pelo Despacho Reitoral n.º 358/2017, com a seguinte composição:

Presidente: Professora Doutora Bárbara Nazaré

Arguente: Professora Doutora Neuza Silva
(Faculdade de Psicologia e Ciências de Educação da Universidade de Coimbra)

Orientadora: Professora Doutora Ana Prioste

Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias

Faculdade de Psicologia e das Ciências da Vida

Lisboa

2017

Resumo

Este estudo apresenta o desenvolvimento da versão reduzida da *Family Environment Scale* (FES, Moos & Moos, 1986; adaptação e validação para a população portuguesa: Matos & Fontaine, 1992), um instrumento que avalia a percepção sobre o ambiente familiar. Participaram no estudo 1025 indivíduos (15-77 anos), respondendo a um questionário de dados sociodemográficos, à FES e ao Inventário de Sintomas Psicológicos. Da análise factorial exploratória, realizada com 90 itens, resultou uma estrutura com três factores – Coesão, Tradicionalismo e Lazer –, com níveis adequados de consistência interna, e 55 itens. A validade convergente foi analisada a partir das correlações entre a FES e as medidas de Depressão, Ansiedade e Ansiedade fóbica do Inventário da Sintomatologia Psicológica. A análise das diferenças entre sexos evidenciou que o género feminino apresenta níveis mais elevados de Coesão e de Tradicionalismo, em comparação com o género masculino. A análise das diferenças entre grupos etários mostrou que o grupo de Adultos apresenta níveis superiores nas três dimensões, em relação aos grupos de Adolescentes e Adultos Emergentes. A análise das diferenças em função da estrutura familiar indicou que os elementos pertencentes a famílias nucleares intactas apresentam níveis mais elevados de Coesão e de Tradicionalismo que os participantes que coabitam em famílias monoparentais. Os resultados sugerem que a versão reduzida da FES é útil e válida para avaliar a percepção sobre o ambiente familiar na população portuguesa, permitindo caracterizar e diferenciar pessoas e grupos.

Palavras-chave: Ambiente familiar, sintomatologia psicológica, família.

Abstract

This study presents the development of the reduced version of the *Family Environment Scale* (FES, Moos & Moos, 1986; adaptation and validation for the Portuguese population: Matos & Fontaine, 1992), an instrument that evaluates the perception on the family environment. In the study had participated 1025 individuals (15-77 years), which had answered to a questionnaire of sociodemographic data, the FES and the Brief Symptom Inventory. The psychometric characteristics of the reduced version of the FES had been analyzed. The convergent validity had been analyzed from the correlations between the FES and the Brief Symptom Inventory. The reduced version of the FES includes 55 items and presented suitable levels of internal consistency. Relatively to the study of gender variable, it was verified that feminine gender presents more raised levels of Cohesion and Traditionalism than masculine gender. The study of age range allowed us to verify that the Adults had the perception of more Cohesion, Traditionalism and more Leisure than the Emergent Adolescents and Adults. The study on type of family disclosed that the participants who cohabit in intact nuclear families had higher levels of Cohesion and Traditionalism than the participants who cohabit in single parent families. The results suggest that the reduced version of the FES is useful and valid to evaluate the perception on the family environment in the Portuguese population, allowing to characterize and differentiate people and groups.

Keywords: Family environment, psychological symptomatology, family.

Abreviaturas, Siglas e Símbolos

α	Alfa de Cronbach
ACP	Análise de Componentes Principais
F	Análise de Variância
AFE	Análise Fatorial Exploratória
BSI	Brief Symptom Inventory
r	Correlação de Pearson
$r_{m.i.}$	Correlação Média Interitens
d	d de Cohen
FES	Family Environment Scale
DP	Desvio Padrão
KMO	Kaiser-Meyer-Olkin
M	Média
Max	Máximo
Min	Mínimo
p	Nível de significância
N	Número de participantes
%	Percentagem
t	t de Student

Índice

Resumo.....	1
Abstrat	2
Abreviaturas, Siglas e Símbolos	3
Agradecimentos.....	5
Índice de Quadros.....	6
Introdução.....	7
Família, ambiente familiar e desenvolvimento humano.....	9
Ambiente familiar: relação com variáveis individuais, relacionais e contextuais ..	10
Método	12
Participantes	12
Procedimento de recolha de dados	13
Instrumentos	13
Procedimentos de análise de dados	15
Resultados	16
Análise fatorial exploratória	16
Estatística descritiva	19
Fidelidade: análise da consistência interna.....	21
Versão final do instrumento	21
Validade convergente	22
Análise das diferenças nas dimensões em função do género	22
Análise das diferenças nas dimensões em função dos grupos etários	22
Análise das diferenças em função da estrutura da família.....	23
Discussão.....	24
Implicações para a investigação e prática clínica.....	27
Referências	28

Agradecimentos

A concretização de um trabalho de investigação, não é algo que se consiga realizar individualmente. Envolve sempre o confronto de ideias, pontos de vista, partilha e aprendizagem.

É desta forma que desejamos expressar os mais sinceros agradecimentos a todos os que acreditaram, colaboraram e apoiaram a concretização deste trabalho.

- À Professora Ana Prioste, orientadora desta dissertação, pela partilha da sua experiência e saber, pela sua disponibilidade e acompanhamento nas dificuldades e dúvidas que foram surgindo, pela exigência e presença constante na orientação desta dissertação, que, sem esse farol, este trabalho não teria sido possível;

- Aos meus filhotes Pedro e Diana e à minha outra metade;

- A todos aqueles que acreditaram em mim...

Aqui deixo esta mensagem de reconhecida gratidão.

A todos, muito obrigado!

Índice de Quadros

Quadro 1. Resultado da extração dos fatores para cada item.

Quadro 2. Estatística descritiva dos itens da FES versão reduzida (N = 1025).

Quadro 3. Correlação entre as variáveis Coesão, Tradicionalismo, Lazer e as escalas clínicas do BSI.

Quadro 4. Estatística descritiva da versão reduzida da FES, de acordo com o género, e diferenças entre géneros.

Quadro 5. Estatística descritiva da versão reduzida da FES, de acordo com os três grupos etários, e diferenças entre grupos.

Quadro 6. Estatística descritiva da versão reduzida da FES, de acordo com o tipo de família, e diferenças entre os tipos de família (nuclear intacta vs. monoparental).

Introdução

A família, enquanto contexto microssistémico (Bronfenbrenner, 1986, 1994), tem um papel central no desenvolvimento humano, ao longo de todas as etapas do ciclo de vida. Sendo uma unidade complexa de relações, de laços e de limites, desempenha funções fulcrais (e.g., socialização e individualização), proporcionando a adaptação dos seus elementos ao contexto social mais alargado (Bronfenbrenner, 1986; Fontaine, 1983; Pratta & Santos, 2007). A literatura tem associado, de forma consistente, o ambiente familiar ao ajustamento psicológico. Neste sentido, vários estudos têm mostrado a associação entre um ambiente familiar positivo, caracterizado por níveis elevados de coesão e níveis baixos de conflito, e o ajustamento psicológico dos seus elementos (e.g., Halloran, Ross, & Carey, 2002; Sbicigo & Dell’Aglia, 2012). Têm sido propostos vários modelos para conceptualizar e explicar o funcionamento familiar, nomeadamente, a teoria dos sistemas familiares (Bowen, 1978), o modelo circumplexo dos sistemas familiares (Olson, Porter, & Lavee, 1983), o modelo do processo do funcionamento familiar (Skinner & Steinhawer, 1983), o modelo McMaster do funcionamento familiar (Epstein, Baldwin, & Bishop, 1983). Para além disso, têm sido desenvolvidos diversos instrumentos para avaliar a família e as suas dinâmicas relacionais e estruturais, por exemplo, a Family Environment Scale (FES, Moos & Moos, 1986; adaptação e validação para a população portuguesa: Matos & Fontaine, 1992), a Family Adaptability and Cohesion Evaluation Scale (Olson, Porter & Lavee, 1985; Olson, Porter & Lavee, 1989), a Family Assessment Device (Epstein, Baldwin, & Bishop, 1983), a Family Assessment Measure (Skinner, Steinhauer, & Santa-Barbara, 1983), a Family Relations Scale (Tolan, Gorman-Smith, Huesmann, & Zelli, 1997), o Self-Report Family Inventory (Beavers & Hampson, 2000), o Systemic Therapy Inventory of Change (Pinsof et al., 2009), o Systemic Clinical Outcome and Routine Evaluation (Stratton, Bland, Janes, & Lask, 2010), e o Inventário do Clima Familiar (Teodoro, Allgayer, & Land, 2009). Contudo, a literatura tem realçado que alguns dos instrumentos (e.g., FES) que avaliam o ambiente familiar não têm revelado qualidades psicométricas adequadas e consistentes. Tendo em conta a escassez de instrumentos traduzidos e validados para a população portuguesa para avaliar o funcionamento da família, o presente estudo centra-se no desenvolvimento de uma versão reduzida da FES (Moos & Moos, 1986; adaptação e validação para a população portuguesa: Matos & Fontaine, 1992) – que, na sua versão original, é composta por 90 itens – e nos estudos psicométricos iniciais da versão reduzida. Pretendeu-se, deste modo, contribuir para o

enriquecimento do conhecimento na área da psicologia da família através do desenvolvimento de uma ferramenta breve e robusta.

Vários são os motivos que fundamentam este estudo. O crescente interesse pelo desenvolvimento de medidas para avaliar o ambiente familiar e as relações entre os elementos da família favoreceu o desenvolvimento de diversos instrumentos (Halvorsen, 1991). A FES é um instrumento de autorrelato que avalia as percepções sobre as características do ambiente social da família (Santos & Fontaine, 1995) e tem sido utilizada extensivamente em contextos de avaliação e intervenção terapêutica (e.g., terapia familiar) (Hamilton & Carr, 2016) e em diversos estudos empíricos (Nielsen, 2006) nacionais e internacionais (e.g., Darrow et al., 2017; Prioste, Narciso, Gonçalves, & Pereira, 2015; Silva, Crespo, Carona, Bullinger, & Canavarro, 2014; Wazir et al., 2016; Yan et al., 2017). Esta escala apresenta diversas potencialidades, podendo cumprir objetivos distintos, nomeadamente, a descrever e comparar as percepções dos pais e dos filhos em relação ao seu ambiente familiar, contribuir para a formulação de casos clínicos, identificar características e dinâmicas familiares que contribuem para o ajustamento psicológico dos seus elementos (Kronenberger & Thompson, 1990), avaliar o impacto das intervenções realizadas com a família (Moos & Moos, 1983; Moos & Moos, 1986) e distinguir famílias funcionais e disfuncionais (Boake & Salmon, 1983; Roosa & Beals, 1990). Para além disso, a FES tem a capacidade de predição acerca das características psicológicas e fisiológicas, do comportamento adaptativo ou inadaptativo dos membros das famílias, entre outras (Charalampous, Kokkinos, & Panayiotou, 2013).

Apesar das suas múltiplas potencialidades de utilização, vários estudos que integraram a FES apontam para que o instrumento não apresente níveis satisfatórios de consistência interna e uma estrutura fatorial estável (Boyd et al., 1997; Hamilton & Carr, 2016). Diversos trabalhos anteriores não confirmaram a estrutura decagonal fatorial proposta por Moos e Moos (1983, 1986), sugerindo estruturas alternativas (e.g., Boak & Salmon, 1983; Charalampous, Kokkinos & Panayiotou, 2013; Fowler, 1981; Fowler, 1982; Greene & Plank, 1994; Loveland-Cherry, Youngblut & Leidy, 1989; Ma & Leung, 1990; Oliver, May & Handal, 1988; Prioste, Narciso, Gonçalves, & Pereira, 2015; Roosa & Beals, 1990; Saucier, Wilson & Warka, 2007; Santos & Fontaine, 1995). De referir que a maioria dos estudos que conduziram análises fatoriais exploratórias com a FES encontraram dois e/ou três fatores (Charalampous, Kokkinos & Panayiotou, 2013). Neste sentido, e tendo em conta esta instabilidade da estrutura fatorial da FES, alguns autores têm sugerido que esta seja sensível às características das amostras utilizadas (Saucier, Wilson, & Warka, 2007), pelo que se

considera necessário estabelecer normas específicas para o ajustamento da escala em populações específicas (Boak & Salmon, 1983).

Para além disso, a aplicação da versão completa da escala é dificultada pela sua extensão (90 itens), pelo que diversos autores nacionais e internacionais têm optado pela utilização de sub-escalas (e.g., Prioste et al., 2015; Silva et al., 2014). Desta forma, tendo em conta, por um lado, as potencialidades e a sua relevância na investigação e na prática clínica e, por outro lado, as limitações que apresenta, pareceu-nos pertinente o desenvolvimento de uma versão reduzida, adaptada à população portuguesa. Neste sentido, realça-se que os primeiros estudos de adaptação e validação da FES para a população portuguesa foram realizados, em 1995, por Santos e Fontaine, com uma amostra de 311 participantes com idades compreendidas entre os 8 e os 14 anos. Através de uma análise fatorial exploratória com os 90 itens da FES, Santos e Fontaine (1995) identificaram dois fatores, não corroborando também a estrutura fatorial proposta por Moos e Moos (1986). O primeiro fator referiu-se a um tipo de família apoiante que explicava 9.8% da variância total e apresentou um alfa de .85; e o segundo fator referiu-se a uma família orientada para atividades recreativas, culturais e religiosas que explicava 5.2% da variância total e apresentou um alfa de .70.

Família, ambiente familiar e desenvolvimento humano

A literatura tem realçado de forma consistente a influência da família na construção de modelos de funcionamento interno, de valores, atitudes, comportamentos e estilos de relações interpessoais (Alarcão, 2002; Relvas, 2004). A família proporciona um contexto de aprendizagem de dimensões significativas de interação interpessoal, tornando-se um referencial comportamental e relacional ao longo do ciclo vital (Alarcão, 2002; Jones, 1999; Minuchin & Fishman, 2003; Pratta & Santos, 2007). O ciclo vital da família, enquanto uma sequência de mudanças e ajustamentos na organização familiar ao longo do tempo, integra cinco etapas – a formação do casal, famílias com filhos pequenos, famílias com filhos na escola, famílias com filhos adolescentes e famílias com filhos adultos (Relvas, 2004).

As dinâmicas relacionais resultantes das transições entre as etapas do ciclo vital influenciam o ambiente familiar (Greeff, 2000; Alarcão 2002), sendo também influenciadas por ele. O ambiente familiar tem sido conceptualizado pela perceção em relação ao clima sócio-familiar decorrente das relações interpessoais, crescimento pessoal, organização e controlo do sistema familiar (Moos & Moss, 1994). A forma como cada elemento da família percebe e interpreta o ambiente familiar varia, constituindo-se, também, como uma fonte

significativa de diferenças individuais (Magnusson, 1981 citado por Saucier, Wilson & Warka, 2007). Tendo como ponto de partida um sistema ecológico social e a forma como os contextos humanos podem ser medidos e conceptualizados, Moos e Moss (1986) desenvolveram conceptual e empiricamente a FES.

No processo de desenvolvimento da FES, Moos e Moos (1986) recolheram dados através de métodos qualitativos (e.g., observações e entrevistas estruturadas) com diversos tipos de famílias – famílias orientadas para a independência, famílias orientadas para o sucesso, famílias intelectual e culturalmente orientadas, famílias orientadas moral-religiosamente, famílias orientadas para o apoio, famílias orientadas para o conflito e famílias desorganizadas – de forma a avaliar três dimensões: Relação, que evidencia a natureza e a qualidade das relações interpessoais familiares; Crescimento Pessoal, que revela os objetivos e o tipo de interesses e atividades familiares; e Manutenção do Sistema, que representa o tipo de estrutura, organização e normas de planeamento da vida familiar (Nielsen, 2006). Estas três dimensões constituem a estrutura base da escala e integram dez subescalas: Coesão, Expressividade, Conflito, Independência, Orientação para o sucesso, Orientação intelectual e cultural, Orientação ativa-recreativa, Ênfase moral e religiosa, Organização e Controlo (Saucier, Wilson, & Warka, 2007).

Ambiente familiar: relação com variáveis individuais, relacionais e contextuais

A literatura tem mostrado, consistentemente, que as representações que os elementos têm sobre o ambiente familiar influenciam o seu ajustamento individual (Conger, Cui Bryant, & Elder, 2000). Diversos modelos sistémicos sugerem que as vivências negativas experienciadas no contexto familiar e a ausência de nutrição emocional (e.g., Linares, 1996) contribuem significativamente para o desenvolvimento de trajetórias desenvolvimentais inadaptativas. Da mesma forma, vários trabalhos empíricos têm mostrado uma associação positiva entre um ambiente familiar disfuncional e problemas de ajustamento psicológico em crianças, adolescentes e adultos (Chedid, Romo, & Chagnard, 2009; Sbicigo & Dell’Aglia, 2012). Os resultados de vários estudos mostraram uma associação positiva entre a perceção do ambiente familiar, caracterizado por níveis elevados de conflito familiar e níveis baixos de coesão familiar, com comportamentos suicidários (Miller, McCullough, & Johnson, 2012; Peña et al., 2011), bulimia nervosa (Crowther et al., 2002; Okon, Greene, & Smith, 2003), anorexia nervosa (Darrow et al., 2017), perturbações ansiosas (Adams, Overholser, & Lenhert, 1994; Peleg-Popko & Klingman, 2002), perturbações depressivas (Chorpita, Albano,

& Barlow, 1996; Halloran, Ross, & Carey, 2002; Harshaw, 1997; Yan et al., 2017), fobia social (Caster, Inderbitzen, & Hope, 1999), hiperatividade e défice de atenção (Elmore et al., 2016; Halloran, Ross, & Carey, 2002), perturbações de internalização e externalização (Silva et al., 2014) e outras perturbações psiquiátricas (Wazir et al., 2016).

Alguns estudos têm, também, realçado diferenças de género em relação à percepção do ambiente familiar. Por exemplo, o estudo de Loveland-Cherry e colaboradores (1989) mostrou que o género feminino percepciona as suas famílias com níveis mais elevados de Moral-Religião, Organização, Intelectual-Cultural e Orientação Recreativa, em comparação com o género masculino. O estudo de Tung e Dhillon (2006), com uma amostra de 256 adolescentes, verificou que as raparigas reportaram mais Coesão e mais Moral-Religião nas suas famílias do que os rapazes. O estudo de Enos e Handal (1985), com uma amostra de 966 adolescentes, também mostrou que as raparigas percecionaram as suas famílias como mais expressivas e que os rapazes percecionam as suas famílias como mais assertivas e orientadas para a realização. Em contrapartida, Devi e Kiran (2014) não encontraram diferenças significativas na percepção do ambiente familiar entre rapazes e raparigas adolescentes.

Foram desenvolvidos estudos para avaliar a diferença na percepção do ambiente familiar, em função da idade. Por exemplo, o trabalho de Enos e Handal (1995), que comparou a percepção do ambiente familiar entre adolescentes de diferentes idades, mostrou que os adolescentes mais velhos reportaram níveis mais elevados de Independência que os adolescentes mais novos e que os adolescentes mais novos reportaram níveis superiores de Moral-Religiosidade que os adolescentes mais velhos. No mesmo sentido, o estudo de Devi e Kiran (2014) também encontrou, numa amostra de 224 adolescentes, diferenças estatisticamente significativas na percepção do ambiente familiar em função da idade, indicando que os adolescentes mais novos mostraram níveis mais elevados de Expressividade, em comparação com os adolescentes mais velhos.

A literatura tem também associado a estrutura da família ao ambiente familiar. Por exemplo, o estudo Rallins (2001) sobre o impacto do divórcio na percepção do ambiente familiar, com uma amostra de 75 adultos emergentes provenientes de vários tipos de estruturas famílias, não encontrou diferenças significativas no ambiente familiar em função do tipo de família em que os participantes coabitavam/pertenciam. Ladd (1988), num estudo com uma amostra de 383 alunos, provenientes de diferentes tipos de estruturas familiares, observou que, os participantes que pertenciam a famílias intactas reportaram níveis mais elevados de Moral-Religião e Organização em comparação com os participantes de famílias

reconstituídas. O trabalho desenvolvido por Elliott (1994), focado nas diferenças no ambiente familiar entre os membros de famílias intactas e de famílias adotivas, mostrou que não existem diferenças estatisticamente significativas nas dimensões Coesão, Expressividade e Nível de Conflito entre mães biológicas e crianças em famílias de adoção e mães e crianças das famílias intactas; e os padrastos das famílias de adoção, quando comparados com pais de famílias intactas, reportaram níveis inferiores de Coesão. O trabalho de Mahabeer (1995) verificou uma perceção mais positiva do ambiente familiar em famílias intactas do que em famílias com o pai ausente (viúvas ou divorciadas).

O presente estudo

Tendo em conta a pertinência que o constructo ambiente familiar assume nos contextos académico e clínico, as potencialidades e as limitações associadas à escala FES, considerou-se relevante desenvolver uma versão reduzida deste instrumento que possa ser útil no contexto português. Deste modo, o presente estudo pretendeu: (1) desenvolver uma versão reduzida da Family Environment Scale (FES, Moos & Moos, 1986; adaptação e validação para a população portuguesa: Matos & Fontaine, 1992); (2) analisar as propriedades psicométricas da versão reduzida da FES através da análise da validade (de constructo e convergente) e da fidelidade (alfa de *Cronbach* e correlações médias interitem); (3) investigar as diferenças de género em relação às dimensões do ambiente familiar; (4) estudar as diferenças nas dimensões do ambiente familiar em função de grupos etários – Adolescentes, Adultos emergentes e Adultos; e (5) analisar as diferenças entre as dimensões do ambiente familiar, em função do tipo de família (intacta e monoparental).

O estudo da validade de constructo foi realizado através da análise fatorial exploratória. Tendo em conta a literatura (e.g., Adams, Overholser, & Lenhert, 1994; Caster, Inderbitzen, & Hope, 1999; Chorpita, Albano, & Barlow, 1996; Halloran, Ross, & Carey, 2002; Harshaw, 1997; Peleg-Popko & Klingman, 2002), a validade convergente da escala foi estudada através da correlação entre as dimensões da FES e as medidas de Ansiedade, Depressão e Ansiedade fóbica avaliadas pelo BSI.

Método

Participantes

A amostra foi constituída por 1025 participantes com idades compreendidas entre os 15 e os 77 anos ($M = 25.90$; $DP = 14.10$), maioritariamente do género masculino (52.7%).

Quanto ao nível de escolaridade, a maioria dos participantes (67.5%) tem entre 10 a 12 anos de escolaridade. Relativamente à situação relacional, 49% não tem uma relação, 18,6% tem uma relação de namoro, 2.4% vive em união de facto, 0.4% é viúvo, 1.1% é divorciado, 0.5% é separado e 28.1% é casado. Quanto à estrutura familiar, 83% coabita em famílias intactas, 12.6% coabita em famílias monoparentais e 2.3% coabita em famílias reconstituídas. Em relação à zona de residência, 50% da amostra reside na zona da Grande Lisboa, 25.6% na zona Norte e 21.3% na zona Centro. No que concerne à religiosidade, 33.8% é crente praticante, 44.1% é crente não praticante e 22.2% é não crente.

Procedimento de recolha de dados

A amostra foi selecionada a partir de uma amostra mais alargada de 1620 participantes que participaram num estudo mais alargado sobre transmissão intergeracional de valores e padrões educativos, financiado pela Fundação para a Ciência e Tecnologia (SFRH / BD / 62182 / 2009). Como critérios de inclusão no presente estudo foram definidos: (a) ter nacionalidade portuguesa, (b) ter respondido aos instrumentos de medida incluídos neste trabalho.

A amostra foi recolhida através de uma técnica de amostragem não probabilística, sendo que 45% foi recolhida através da técnica bola-de-neve, 4.9% foi recolhida através da colaboração com a Associação Portuguesa de Famílias Numerosas e a restante percentagem foi recolhida em diversas escolas de ensino secundário nas zonas da Grande Lisboa, Centro e Norte de Portugal. No caso das famílias numerosas, os questionários foram enviados e devolvidos através do correio.

Todos os participantes foram informados sobre os objetivos do estudo através de um documento de consentimento informado e colaboraram voluntariamente sem incentivos. No caso dos adolescentes, os responsáveis assinaram um termo de consentimento informado e os adolescentes assinaram um termo de assentimento informado. Foi assegurada a confidencialidade dos dados recolhidos.

Instrumentos

Questionário de dados sociodemográficos. Os participantes responderam a um questionário de dados pessoais e sociodemográficos que incluiu questões como idade, género, zona de residência e nível de escolaridade.

Inventário Breve de Sintomas. O Inventário Breve de Sintomas (Brief Symptom Inventory; BSI; Versão original: L. Derogatis, 1982; tradução e adaptação para a população portuguesa: M. C. Canavarro, 1999) foi utilizado para avaliar a sintomatologia psicológica. O BSI é um questionário de auto-resposta que avalia o grau em que determinado sintoma afetou os participantes durante a última semana. Este instrumento é constituído por 53 itens respondidos através de uma escala do tipo *Likert* de cinco pontos – de 0 = *nunca* a 4 = *multíssimas vezes*. O BSI avalia nove dimensões – Somatização, Obsessão-Compulsão, Sensibilidade interpessoal, Depressão, Ansiedade, Hostilidade, Ansiedade fóbica, Ideação paranóide e Psicoticismo – e três índices globais que constituem avaliações sumárias de perturbação emocional: Índice Geral de Sintomas, Total de Sintomas Positivos e Índice de Sintomas Positivos (Canavarro, 1999). Quanto maior a pontuação nas escalas, maior o nível da intensidade da sintomatologia. Para este estudo foram utilizadas as dimensões Ansiedade, Depressão e Ansiedade fóbica.

No estudo de validação de Canavarro (1999), com uma amostra de 551 indivíduos portugueses, o BSI revelou níveis de consistência interna adequados entre $\alpha = .62$ para a dimensão Psicoticismo e $\alpha = .79$ para a dimensão Somatização. No presente estudo, as dimensões do Inventário apresentaram níveis de consistência interna adequados, variando entre $\alpha = .93$ para a dimensão Psicoticismo e $\alpha = .94$ para a dimensão Ansiedade fóbica.

Family Environment Scale. Para avaliar a perceção das características do ambiente social, organizacional e relacional das famílias foi utilizada a FES (Moos & Moos, 1986; tradução para a população portuguesa: Matos & Fontaine, 1992). A versão completa da FES é constituída por 90 itens avaliados numa escala de *Likert* de seis pontos (de 1 = *discordo totalmente* a 6 = *concordo totalmente*). Este instrumento avalia o ambiente familiar através de dez subescalas em três dimensões distribuídas por três dimensões – Relação, Crescimento Pessoal e Manutenção do Sistema. A dimensão Relação é composta por três subescalas: Coesão, que integra nove itens, respeitante à ajuda e suporte entre os membros da família; Expressividade, que integra nove itens, consiste na expressão de sentimentos; e Conflito, que integra nove itens, refere os conflitos expressos abertamente (Neilsen, 2006; Vianna, Silva, & Formigoni, 2007). A dimensão Crescimento Pessoal é constituída por cinco subescalas: Independência, que integra nove itens, representa a capacidade de tomada de decisões; Orientação para o sucesso, que integra nove itens, demonstra as atividades orientadas para um objetivo; Orientação intelectual e cultural, que integra nove itens, respeitante às atividades políticas, intelectuais e culturais; Orientação ativa-recreativa, que integra nove itens,

representa as atividades sociais e recreativas e Ênfase moral e religiosa, que integra nove itens, centra-se nas questões éticas e valores religiosos (Neilsen, 2006; Vianna, Silva & Formigoni, 2007). Por último, a dimensão Manutenção do Sistema é composta por duas subescalas: Organização, que integra nove itens, demonstra a organização no planeamento das atividades familiares e Controlo, que integra nove itens, respeitante à presença de regras e procedimentos na vida diária familiar (Neilsen, 2006; Vianna, Silva & Formigoni, 2007). A FES pode ser utilizada em três formas: para avaliação do ambiente real (versão R), do ambiente ideal (versão I) e do ambiente esperado (forma E) (Moos & Moos, 1994). No presente estudo utilizou-se a forma ambiente real.

No estudo de adaptação e validação da FES (Santos & Fontaine, 1995), com uma amostra de 311 crianças e adolescentes portugueses, foi encontrada uma consistência interna adequada nos dois fatores, Família refúgio e Família orientada para o exterior, variando entre .70 para o fator Família orientada para o exterior e .85, para o fator Família refúgio.

Procedimentos de análise de dados

O tratamento estatístico dos dados foi realizado com recurso ao *Statistical Package for Social Sciences*, versão 23.0 para Windows. A estrutura relacional dos 90 itens da FES foi avaliada pela Análise Fatorial Exploratória (AFE)¹, sobre uma matriz de correlações, com a extração dos fatores através do método de Análise de Componentes Principais (ACP), seguida de uma rotação oblíqua (*direct oblimin*)². Sendo um dos objetivos do estudo o desenvolvimento de uma versão reduzida da FES foi utilizada a AFE por permitir encontrar uma estrutura subjacente a uma estrutura de dados e determinar o número e a natureza de fatores que melhor representam um conjunto de variáveis que partilham variância (Brown, 2006).

Para analisar a fiabilidade da versão reduzida da escala foram calculados o alfa de Cronbach (α) e as correlações médias interitens, $r_{m.i.}$. A validade convergente foi avaliada através do cálculo dos coeficientes de correlação de *Pearson* entre as dimensões da escala e as medidas de Ansiedade, Depressão e Ansiedade fóbica do BSI.

O estudo das diferenças das dimensões em função do género e da estrutura da família (nuclear intacta e monoparental), foi realizado através do teste *t*-Student para amostras

¹ De relevar que a AFE é um dos procedimentos estatísticos mais utilizados no desenvolvimento e avaliação de instrumentos de medida (Floyd & Widaman, 1995).

² À semelhança de outros trabalhos que visam o desenvolvimento de versões reduzidas de instrumentos (e.g., Cruz, Narciso, Pereira, & Sampaio, 2013), neste estudo utilizou-se a rotação *direct oblimin*.

independentes. Por último, para comparar as médias das dimensões da FES em função dos grupos etários, foi realizado o teste ANOVA *one-way*.

Resultados

Análise fatorial exploratória

A medida de Kaiser-Meyer-Olkin (KMO) demonstrou a adequação da amostra para a análise com um valor de KMO de .90, considerado adequado, de acordo com Field (2009). O teste de esfericidade Bartlett indicou que as correlações entre os itens são suficientemente elevadas para conduzir a ACP, $\chi^2(4005) = 21695.40, p < .001$.

Foi realizada uma análise inicial para obter *eigenvalues* para cada componente dos dados. Três componentes apresentavam *eigenvalues* acima do critério de Kaiser-Guttman – o critério de retenção fatorial mais utilizado (Patil et al., 2008) – de 1 e a sua combinação explicava 25,84% da variância. Contudo, a análise do *scree-plot*, com três pontos de inflexão, indicava que se deveriam reter três ou sete fatores. Tendo em conta a literatura consultada (e.g., Gondoli & Jacob, 1993; Jacob & Windle, 1999; Oliver et al. 1988; Saucier, Wilson & Warka, 2007) e o objetivo do estudo, optou-se por reter três fatores. Desta forma, foi repetida a ACP, com rotação *direct oblimin*, com a indicação de extração de três fatores.

O Quadro 1 apresenta a saturação de cada fator com base nos coeficientes de correlação após a rotação efetuada (Field, 2009). Tal como se pode observar, o conjunto dos três fatores explica 25.84% da variância. No total, 35 itens foram eliminados da estrutura fatorial por apresentarem uma saturação inferior a .40 (Hinkin, 1995, 1998). Poderíamos utilizar um ponto de corte de .50, tal como sugere Balluerka e Gorostiaga (2012), no entanto o conjunto dos fatores explicaria uma percentagem total de variância explicada baixa, pondo em causa a validade de constructo da escala em estudo.

Quadro 1. Resultado da extração dos fatores para cada item.

Item	Fator		
	1	2	3
1. Na minha família ajudamo-nos uns aos outros.	.63		
2. Habitualmente não contamos o que sentimos uns aos outros.	-.48		-.41
3. Na minha família zangamo-nos muitas vezes.	-.57		
4. Na minha família não costumamos fazer as coisas por nós próprios.			
5. Nós achamos que é importante sermos os melhores em tudo o que fazemos.			
6. Costumamos conversar sobre questões sociais e políticas.			
7. Passamos a maioria dos fins-de-semana e das noites em casa.			

8. Costumamos ir à missa regularmente.		.62
9. Na minha família planeamos as coisas com muito cuidado.	.40	
10. As pessoas da minha família raramente são obrigadas a seguir ordens.		
11. Normalmente quando estamos juntos parece que só estamos a passar tempo.	-.59	
12. Podemos falar de tudo o que queremos.	.51	.42
13. As pessoas da minha família mostram poucas vezes que estão zangadas.		
14. Na minha família somos incentivados a ser independentes.		.43
15. Ter sucesso é muito importante na minha família.		
16. Costumamos ir assistir a conferências, peças de teatro ou concertos.		.60
17. Na minha família costumamos receber amigos e conhecidos em casa.		
18. Na minha família costumamos rezar.		.62
19. Somos normalmente muito limpos e organizados.	.47	
20. Existem poucas regras que temos que seguir na minha família.		
21. Empenhamo-nos bastante a fazer coisas em casa.	.54	
22. Quando descarregamos os nossos problemas, há sempre alguém que fica preocupado.		
23. As pessoas da minha família às vezes ficam tão nervosas que atiram coisas pelo ar.	-.41	
24. Na minha família cada um pensa por si.		
25. Não é muito importante para nós quanto dinheiro cada um consegue ganhar.		
26. Aprender coisas novas e diferentes é muito importante para a minha família.	.40	.49
27. Na minha família ninguém pratica um desporto regularmente.		
28. Conversamos várias vezes sobre o que significa o Natal, a Páscoa ou outras festas religiosas.		.51
29. Em minha casa é difícil encontrarmos as coisas quando precisamos delas.	-.50	
30. Existe uma pessoa na minha família que decide quase todas as coisas.		
31. Sentimo-nos muito unidos na minha família.	.71	
32. Conversamos sobre os nossos problemas pessoais.	.60	.46
33. Quase nunca as pessoas da minha família perdem a cabeça.	.47	
34. Na minha família não temos horas de entrada e de saída.		
35. Acreditamos que os melhores devem vencer na vida.		
36. Na minha família não costumamos ir visitar museus e exposições.		-.54
37. Vamos com frequência ao cinema, a acontecimentos desportivos, ao campismo, etc.		.50
38. Acreditamos no céu e no inferno.		.57
39. Ser pontual é muito importante na minha família.		
40. Em minha casa há regras para se fazerem certas coisas.		.53
41. Normalmente ninguém se oferece para fazer alguma coisa que tem de ser feita em casa.	-.42	
42. Se nos apetece fazer qualquer coisa em cima da hora então fazemo-lo.		
43. As pessoas da minha família criticam-se muitas vezes umas às outras.	-.64	

44. Na minha família há pouca privacidade e as pessoas mexem nas coisas uns dos outros.	-.51	
45. Procuramos sempre fazer as coisas melhor da próxima vez.	.52	
46. Não costumamos conversar sobre arte e literatura.		-.49
47. Na minha família todos têm um ou dois <i>hobbys</i> .		.47
48. As pessoas da minha família sabem muito bem o que é certo e o que é errado.	.55	
49. Em minha casa é difícil saber com o que contar porque se muda muitas vezes de opinião.	-.53	
50. Obedecer às ordens é muito importante na minha família.		.57
51. Podemos realmente contar uns com os outros na minha família.	.70	
52. Há sempre alguém que se aborrece, quando alguém se queixa.		
53. As pessoas da minha família às vezes agriem-se fisicamente.	-.49	
54. Quando alguém tem um problema, geralmente resolve-o sozinho.		
55. Na minha família não nos preocupamos em subir no trabalho e em ter boas notas na escola.		
56. Existe pelo menos uma pessoa na minha família que toca um instrumento musical.		
57. As pessoas da minha família não estão envolvidas em atividades recreativas fora da escola ou do trabalho.		
58. Na minha família acreditamos que existem acontecimentos que só têm a ver com a fé.		.63
59. As pessoas da minha família procuram manter os seus quartos arrumados.	.48	
60. Cada um de nós tem uma palavra a dizer nas decisões familiares.	.57	
61. Na minha família sentimo-nos pouco unidos.	-.69	
62. As questões de dinheiro e de pagamento de contas são faladas abertamente.		
63. Se existe alguma zanga na minha família tentamos esconder o problema e manter a paz.		
64. Em minha casa achamos que cada um deve defender os seus direitos.		
65. Na minha família não nos preocupamos assim tanto em subir na vida.		
66. As pessoas da minha família costumam ler muito.		.54
67. As pessoas da minha família gostam de aprender coisas nos tempos livres.		.65
68. Na minha família cada um tem ideias diferentes sobre o que é certo e errado.		
69. Em minha casa todos sabem o que cada um tem que fazer.	.56	
70. Na minha família podemos fazer o que nos der na cabeça.		
71. Nós damos-nos mesmo bem uns com os outros.	.65	
72. Geralmente temos cuidado com o que dizemos uns aos outros.	.43	
73. Na minha família cada um quer ser melhor que o outro.	-.47	
74. Na minha família é difícil sermos nós próprios sem que alguém fique triste ou magoado.	-.47	
75. “Primeiro o trabalho, depois a diversão” é o que se diz na minha família.		
76. Em minha casa vemos mais televisão do que vemos.		-.40

77. As pessoas da minha família costumam sair e passear.	.44		
78. A Bíblia é um livro muito importante para a minha família.	.68		
79. Na minha casa não temos muito cuidado com o modo como gastamos o dinheiro.	-.41		
80. Na minha casa as ordens são para se cumprir.	.58		
81. Temos muito tempo e atenção uns para os outros.	.58		
82. Na minha família começamos muitas vezes a conversar sobre várias coisas.	.51		
83. Na minha família achamos que não serve de nada estar a gritar.	.53		
84. Na minha família não é bem visto dizermos aquilo que pensamos.	-.41		
85. As pessoas da minha família são muitas vezes comparadas com os colegas da escola e do trabalho.			
86. Em minha casa gostamos muito de música, arte e literatura.	.54		
87. A principal maneira de passarmos o tempo é a ver televisão ou a ouvir rádio.			
88. Acreditamos que se pecarmos seremos castigados.	.49		
89. Geralmente arruma-se a cozinha logo a seguir às refeições.			
90. As asneiras não passam despercebidas na minha família.			
Eigenvalues	14.4	4.9	3.9
% de variância explicada	16.0	5.5	4.4
Alfa de Cronbach	.93	.84	.82

Estatística descritiva

O Quadro 2 apresenta a estatística descritiva (média, desvio-padrão, assimetria, erro padrão da assimetria, curtose, erro padrão da curtose, mínimo e máximo) dos itens da versão reduzida da FES.

Quadro 2. Estatística descritiva dos itens da FES versão reduzida ($N = 1025$).

Item	<i>M</i>	<i>DP</i>	Assimetria	<i>S</i> da Assimetria	Curtose	<i>S</i> da Curtose	Min.	Máx.
1	4,93	1,05	-1,05	0,08	1,28	0,15	1	6
2	3,16	1,42	0,15	0,08	-0,96	0,15	1	6
3	2,83	1,44	0,54	0,08	-0,66	0,15	1	6
8	2,56	1,84	0,81	0,08	-0,87	0,15	1	6
11	2,35	1,33	0,95	0,08	0,19	0,15	1	6
12	4,43	1,47	-0,81	0,08	-0,21	0,15	1	6
14	4,35	1,21	-0,65	0,08	0,03	0,15	1	6
16	2,91	1,53	0,34	0,08	-0,95	0,15	1	6
18	2,56	1,63	0,65	0,08	-0,88	0,15	1	6
19	4,72	1,11	-0,80	0,08	0,45	0,15	1	6
21	4,20	1,09	-0,39	0,08	-0,05	0,15	1	6

23	2,18	1,46	1,12	0,08	0,17	0,15	1	6
26	4,48	1,07	-0,62	0,08	0,43	0,15	1	6
28	3,24	1,60	0,07	0,08	-1,15	0,15	1	6
29	2,88	1,50	0,50	0,08	-0,75	0,15	1	6
31	4,61	1,25	-0,90	0,08	0,38	0,15	1	6
32	4,10	1,38	-0,55	0,08	-0,45	0,15	1	6
33	3,77	1,38	-0,22	0,08	-0,84	0,15	1	6
36	3,51	1,62	0,01	0,08	-1,21	0,15	1	6
37	3,53	1,52	-0,15	0,08	-1,00	0,15	1	6
38	3,07	1,58	0,22	0,08	-1,02	0,15	1	6
40	4,50	1,16	-0,78	0,08	0,40	0,15	1	6
41	3,15	1,35	0,17	0,08	-0,82	0,15	1	6
43	3,03	1,42	0,28	0,08	-0,83	0,15	1	6
44	2,56	1,35	0,73	0,08	-0,24	0,15	1	6
45	4,77	0,96	-0,93	0,08	1,41	0,15	1	6
46	3,49	1,58	0,01	0,08	-1,09	0,15	1	6
47	3,91	1,47	-0,32	0,08	-0,89	0,15	1	6
48	4,91	1,02	-1,09	0,08	1,55	0,15	1	6
49	2,56	1,28	0,75	0,08	0,02	0,15	1	6
50	4,35	1,07	-0,61	0,08	0,29	0,15	1	6
51	4,89	1,17	-1,20	0,08	1,25	0,15	1	6
53	1,51	1,04	2,37	0,08	5,46	0,15	1	6
58	2,99	1,58	0,32	0,08	-1,04	0,16	1	6
59	4,45	1,20	-0,70	0,08	0,08	0,15	1	6
60	4,50	1,20	-0,87	0,08	0,57	0,15	1	6
61	2,21	1,33	1,08	0,08	0,33	0,15	1	6
66	3,85	1,36	-0,32	0,08	-0,63	0,15	1	6
67	4,18	1,22	-0,65	0,08	0,16	0,15	1	6
69	4,36	1,06	-0,56	0,08	0,24	0,15	1	6
71	4,70	1,21	-1,01	0,08	0,75	0,15	1	6
72	4,26	1,15	-0,62	0,08	0,10	0,15	1	6
73	2,23	1,23	1,07	0,08	0,71	0,15	1	6
74	2,37	1,36	0,93	0,08	0,01	0,15	1	6
76	4,57	1,31	-0,91	0,08	0,27	0,15	1	6
77	4,57	1,13	-0,82	0,08	0,63	0,15	1	6
78	2,82	1,63	0,44	0,08	-1,02	0,15	1	6
79	2,26	1,28	1,00	0,08	0,24	0,15	1	6
80	4,58	1,08	-0,60	0,08	0,07	0,17	1	6
81	4,00	1,13	-0,31	0,08	-0,21	0,15	1	6
82	4,56	1,09	-0,81	0,08	0,65	0,15	1	6

83	4,15	1,33	-0,51	0,08	-0,45	0,15	1	6
84	2,33	1,24	0,94	0,08	0,35	0,15	1	6
86	4,14	1,30	-0,40	0,08	-0,48	0,15	1	6
88	2,76	1,45	0,35	0,08	-0,95	0,15	1	6

Em relação à assimetria, tal como se pode observar no Quadro 2, os itens da escala em estudo, tendo em conta um critério liberal (entre -1 e 1), apresentam uma distribuição simétrica, com exceção dos itens 1, 48, 51 e 71 que apresentaram uma distribuição assimétrica à esquerda e dos itens 23, 53, 61 e 73 que apresentaram uma distribuição assimétrica à direita (Martins, 2011).

No que concerne ao achatamento, a maioria dos itens, tendo em conta um critério liberal (entre -1 e 1), tem uma distribuição aproximadamente normal, com exceção dos itens 28, 36, 38, 46, 58 e 78 com uma distribuição platicúrtica e dos itens 1, 45, 48, 51 e 53 com uma distribuição leptocúrtica (Martins, 2011).

Fidelidade: análise da consistência interna

Os índices de consistência interna, alfa de *Cronbach* (α) e homogeneidade (correlação média interitens, *rm.i*), foram calculados para cada fator, tendo sido observados os seguintes valores: Fator 1 ($\alpha = .93$, *rm.i* = .46), Fator 2 ($\alpha = .84$, *rm.i* = .21), Fator 3 ($\alpha = .82$, *rm.i* = .45). Os resultados indicam uma consistência interna adequada para as dimensões da escala e denotam homogeneidade de conteúdos dos itens no fator a que pertencem. Na análise da consistência interna da escala em estudo verificou-se que a possível exclusão dos itens avaliados levaria à diminuição dos seus alfas.

Versão final do instrumento

A versão final apresenta um total de 55 itens, distribuídos pelos três fatores. O Fator 1, designado de Coesão, integra 33 itens que estão associados ao suporte social entre os membros da família. O Fator 2, nomeado de Tradicionalismo, engloba 10 itens que remetem para regras e valores tradicionais associados à identidade familiar. Por fim, o Fator 3, denominado de Lazer, constituído por 12 itens que remetem para a importância de atividades sociais, recreativas, intelectuais e culturais. De relevar que, os fatores encontrados são revestidos de coerência teórica e conceptual, apesar de não corresponderem às dimensões da FES sugeridas originalmente por Moos e Moos (1983, 1994) e às dimensões encontradas por Matos e Fontaine (1995) aquando da adaptação do instrumento para a população portuguesa.

Validade convergente

De modo a avaliar a validade convergente da versão reduzida da FES, foram calculados os coeficientes de correlação de *Pearson* entre as três dimensões da escala e as medidas Ansiedade, Depressão e Ansiedade fóbica avaliadas pelo BSI (ver Quadro 3).

O fator Coesão correlacionou-se de forma significativa e negativa, com as medidas Ansiedade, Depressão e Ansiedade fóbica. O fator Lazer correlacionou-se de forma significativa e negativa com as medidas Ansiedade, Depressão e Ansiedade fóbica.

Quadro 3. *Correlação entre as variáveis Coesão, Tradicionalismo, Lazer e as escalas clínicas do BSI (N = 1025).*

	Depressão	Ansiedade	Ansiedade fóbica
Coesão	-.42**	-.33**	-.26**
Lazer	-.28**	-.19**	-.13**
Tradicionalismo	-.05	.03	.04

Nota. ** $p < .01$

Análise das diferenças nas dimensões em função do género

No Quadro 4 encontra-se a estatística descritiva em relação às três dimensões da versão reduzida da FES para os géneros feminino e masculino. Os resultados demonstram que existem diferenças estatisticamente significativas nas dimensões Coesão e Tradicionalismo. O género feminino apresenta níveis mais elevados de Coesão e de Tradicionalismo que o género masculino, $t(539) = -2.01, p < .05, d = .13$ e $t(539) = -2.08, p < .05, d = .12$, respetivamente.

Quadro 4. *Estatística descritiva das três dimensões da versão reduzida da FES para os géneros feminino e masculino e diferenças entre géneros.*

Dimensões	Género						
	Feminino (n = 539)		Masculino (n = 483)		t	p	d
	M	DP	M	DP			
Coesão	4.52	.72	4.43	.65	-2.01	.04*	.13
Tradicionalismo	3.38	.97	3.26	.94	-2.08	.04*	.12
Lazer	3.80	.84	3.76	.74	-.81	.42	.05

Nota. * $p < .05$

Análise das diferenças nas dimensões em função dos grupos etários

Para avaliar as diferenças entre os grupos etários, a amostra total foi distribuída por três grupos: o grupo Adolescentes que reúne os participantes com as idades compreendidas entre os 15 e os 18 anos; o grupo Adultos Emergentes que agrupa os participantes com as idades entre os 19 e os 29 anos; e o grupo Adultos que agrega os participantes com as idades superiores a 30 anos.

A estatística descritiva das pontuações das três dimensões para os grupos etários e as diferenças entre os grupos encontram-se no Quadro 5. Foram encontradas diferenças estatisticamente significativas em todas as dimensões, sendo que, em média, o grupo dos Adultos apresentou níveis mais elevados de Coesão ($M = 4.72$; $DP = .58$), Tradicionalismo ($M = 3.70$; $DP = .89$) e Lazer ($M = 4.17$; $DP = .71$), em relação aos outros grupos. Os resultados mostram que não existem diferenças estatisticamente significativas entre o grupo Adolescentes e Adultos Emergentes em relação às três dimensões.

Quadro 5. Estatística descritiva da versão reduzida da FES, de acordo com os três grupos etários, e diferenças entre grupos.

	Grupos Etários							
	Adolescentes ($n = 624$)		Adultos Emergentes ($n = 69$)		Adultos ($n = 323$)		F	P
	M	DP	M	DP	M	DP		
Coesão	4.33	.70	4.27	.73	4.72	.58	39.51	.000***
Tradicionalismo	3.31	.88	3.21	.87	3.70	.89	23.27	.000***
Lazer	3.85	.81	3.60	.82	4.17	.71	24.88	.000***

Nota*** $p < .001$

Análise das diferenças em função da estrutura da família

No Quadro 6 encontra-se a estatística descritiva das três dimensões para os participantes que coabitam em famílias nucleares intactas e monoparentais e as diferenças nas dimensões em função da estrutura da família. Tal como se pode observar no Quadro 6, em média, os participantes que coabitam em famílias nucleares intactas apresentaram níveis mais elevados de Coesão e de Tradicionalismo, em comparação com os participantes que coabitam em famílias monoparentais, $t(851) = 4.52$, $p < .05$, $d = .43$ e $t(851) = 2.89$, $p < .05$, $d = .28$, respetivamente.

Quadro 6. Estatística descritiva da versão reduzida da FES, de acordo com o tipo de família, e diferenças entre os tipos de família (nuclear intacta vs. monoparental).

	Estrutura da família						
	Nuclear intacta (<i>n</i> = 851)		Monoparental (<i>n</i> = 129)		<i>t</i>	<i>p</i>	<i>d</i>
	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>			
Coesão	4.49	.68	4.20	.68	4.52	.000**	.43
Tradicionalismo	3.48	.90	3.23	.91	2.89	.004**	.28
Lazer	3.95	.78	3.93	.85	.16	.88	.02

Nota. * $p < .05$; ** $p < .01$; *** $p < .001$.

Discussão

O presente estudo pretendeu desenvolver uma versão reduzida da Family Environment Scale (FES, Moos & Moos, 1986; adaptação e validação para a população portuguesa: Matos & Fontaine, 1992), analisar as propriedades psicométricas da versão reduzida da FES através da análise da validade convergente e da fidelidade e analisar as diferenças nas dimensões em função do género, dos grupos etários e da estrutura da família.

Os resultados apontam para que a estrutura da versão completa da FES adaptada para a população portuguesa não descreva adequadamente os dados, reforçando a pertinência de desenvolver uma versão reduzida da FES. Neste sentido, este estudo corrobora os resultados de vários trabalhos nacionais e internacionais (e.g., Boak & Salmon, 1983; Charalampous, Kokkinos & Panayiotou, 2013; Fowler, 1981; Fowler, 1982; Greene & Plank, 1994; Hamilton & Carr, 2016; Loveland-Cherry, Youngblut & Leidy, 1989; Ma & Leung, 1990; Oliver, May & Handal, 1988; Prioste, Narciso, Gonçalves, & Pereira, 2015; Roosa & Beals, 1990; Saucier, Wilson & Warka, 2007; Santos & Fontaine, 1995) que têm reforçado a inadequação da estrutura factorial original da FES. Da análise factorial exploratória, com utilização do método Componentes Principais, com 90 itens, resultou numa versão reduzida final constituída por 55 itens, organizados em três fatores. A versão reduzida da FES revelou ser uma medida consistente das dimensões do clima familiar que pretende avaliar. Os níveis de consistência interna apresentados, avaliados pelo alfa de *Cronbach* e pelas correlações médias interitens, revelaram-se adequados. De ressaltar também que os valores dos alfas obtidos neste estudo são superiores aos obtidos no estudo de Santos e Fontaine (1995) de validação para a população portuguesa da versão completa do instrumento.

A análise da distribuição dos itens revelou uma distribuição aproximadamente normal, quanto à assimetria e à curtose. Verificou-se uma saliência do item 53 com uma distribuição assimétrica à direita, com um potencial efeito-chão e com uma distribuição leptocúrtica, revelando pouca variação dos dados apresentados.

As correlações verificadas entre as dimensões Coesão e Lazer e a Depressão, Ansiedade e Ansiedade fóbica, apesar de terem uma intensidade moderada ou fraca, evidenciam, teoricamente, uma sobreposição dos constructos e corroboram os trabalhos anteriores que mostraram uma associação entre o ambiente familiar e a sintomatologia psicológica (e.g., Adams, Overholser, & Lenhert, 1994; Caster, Inderbitzen, & Hope, 1999; Chorpita, Albano, & Barlow, 1996; Crowther et al., 2002; Darrow et al. 2017; Halloran, Ross, & Carey, 2002; Harshaw, 1997; McCullough & Johnson, 2012; Okon, Greene, & Smith, 2003; Peleg-Popko & Klingman, 2002; Silva et al., 2014). De uma forma mais específica, os resultados obtidos vão ao encontro da literatura que sugere uma associação entre o ambiente familiar e as perturbações ansiosas (Adams, Overholser, & Lenhert, 1994; Peleg-Popko & Klingman, 2002), perturbações depressivas (Chorpita, Albano, & Barlow, 1996; Halloran, Ross, & Carey, 2002; Harshaw, 1997) e a fobia social (Caster, Inderbitzen, & Hope, 1999). É através da família que o ser humano obtém o suporte emocional, financeiro e mental que o capacita para a resolução dos seus problemas (Kumar & Tiwari, 2008). Tal como referem Olson e colaboradores (1983), a coesão familiar é uma ligação emocional partilhada pelos seus membros e é, dessa forma, um fator protetor no desenvolvimento de psicopatologia (Cowan & Cowan, 2006; Ivanova & Israel, 2006).

Em relação às diferenças de género, os resultados indicam que o género feminino apresenta níveis mais elevados das dimensões Coesão e Tradicionalismo, apesar da magnitude do efeito ser baixa (Cohen, 1988). Estes resultados corroboram os resultados de estudos anteriores (e.g., Enos & Handal, 1985; Ladd, 1988; Loveland-Cherry et al., 1989; Sahu & Singh, 2014; Tung & Dhillon, 2006). Especificamente, os resultados obtidos vão ao encontro dos trabalhos: de Moos e Moos (1986), que através da comparação de cônjuges, mostrou que o género feminino percecionava a sua família com níveis mais elevados de Religiosidade, Organização (subescalas da versão original com itens englobados no fator Tradicionalismo da versão reduzida proposta), Orientação Intelectual e Cultural e Orientação Activa-recreativa (subescalas da versão original com itens englobados no fator Lazer da versão reduzida proposta); e de Enos e Handal (1995) e de Povedano e colaboradores (2011) que mostraram que as raparigas reportam níveis mais elevados de Expressividade (subescala da versão

original com itens englobados no fator Coesão da versão reduzida proposta). Estes resultados poderão ser explicados atendendo às diferenças entre os papéis de género; neste sentido, a literatura (e.g., Matlin, 2011) sugere que o género feminino é mais estimulado para a relação com o outro desde o nascimento.

Em relação às diferenças nas dimensões Coesão, Tradicionalismo e Lazer entre grupos etários, os resultados obtidos mostraram que os Adultos percecionam as suas famílias com níveis mais elevados de Coesão, Tradicionalismo e Lazer. Tendo em conta o ciclo de vida familiar, os indivíduos Adultos estão numa etapa marcada por uma grande movimentação de saídas e entradas no seu microsistema familiar (Alarcão, 2002). Nessa altura, é necessário proporcionar os recursos e o suporte para que os seus filhos se tornem independentes e constituam o seu espaço profissional e pessoal, tendo como tarefa desenvolvimental a aceitação da saída dos filhos do subsistema, o desenvolvimento de um relacionamento de adulto-para-adulto entre os filhos crescidos e os pais e a renegociação da relação conjugal como diáde (Relvas, 2004). Todas estas tarefas tendem para o desenvolvimento e manutenção da coesão familiar, pois envelhecer em família pressupõem um conjunto de tarefas desenvolvimentais que estão associadas à consolidação e maturação do microsistema familiar (Alarcão, 2002). A aproximação dos Adultos à situação de reforma permite-lhes também mais tempo para usufruir de momentos para o lazer e abrir um espaço no sistema para a partilha de experiência e sabedoria, apoiando os filhos mais velhos sem viver por eles (Alarcão, 2002).

Por último, os resultados em relação às diferenças nas dimensões do clima familiar em função da estrutura familiar, apesar de terem uma magnitude do efeito baixa (Cohen, 1988), sugeriram que os participantes que coabitavam em famílias nucleares intactas percecionaram as suas famílias com níveis mais elevados de Coesão e de Tradicionalismo. Tal como outros estudos (e.g., Ladd, 1988; Mahabeer, 1995), estes resultados apoiam a existência de diferenças na percepção do clima familiar, em função da estrutura familiar de coabitação. Por um lado, os resultados mostram que as famílias monoparentais apresentam níveis de coesão menores, i.e., percecionam os vínculos afetivos entre os seus membros como mais frágeis e um menor nível de apoio; por outro, indicam que também são menos tradicionais, tendo menos regras de funcionamento e aderindo a valores menos tradicionais. Partindo do princípio que as famílias monoparentais já tiveram uma estrutura intacta, estes resultados podem ser explicados se atendermos à mudança da estrutura familiar. Neste sentido, a literatura aponta para que os processos de separação e divórcio seja percebido como um momento de crise

familiar (Carr, 2006; Morgado et al., 2013; Morrison & Cherlin, 1995), no qual os elementos podem experienciar níveis elevados de mágoa, revolta e raiva (Alarcão, 2002), o que pode aumentar a conflituosidade (Borgers et al., 1996; Francia & Millea, 2015; Vezzetti, 2016) e diminuir o nível de coesão. Para além disso, é possível hipotetizar que as mudanças na estrutura familiar possa também contribuir para a relativização da importância de regras e valores tradicionais (Musick & Meier, 2010).

Implicações para a investigação e prática clínica

O presente estudo poderá constituir-se como um contributo para a área da Psicologia da família, através do desenvolvimento de uma versão reduzida da FES para a população portuguesa. Considerando que a versão original da FES tem sido extensivamente utilizada em contextos de avaliação e intervenção clínica (Hamilton & Carr, 2016) e em estudos empíricos (Nielsen, 2006), a versão reduzida da FES permite avaliar o clima familiar com maior robustez e rapidez, através da eliminação de 35 itens. Desta forma, consideramos que a versão reduzida apresenta as mesmas vantagens e possibilidades de utilização da versão completa (e.g., contribuir para a formulação de casos clínicos, a identificação de características familiares que contribuem para o (des)ajustamento psicológico dos seus elementos, a avaliação do impacto das intervenções realizadas com a família e a distinção entre famílias funcionais e disfuncionais (Boake & Salmon, 1983; Kronenberger & Thompson, 1990; Moos & Moos, 1983; Moos & Moos, 1986; Roosa & Beals, 1990), aliados à economia de tempo e robustez.

Este trabalho pode ser considerado um contributo para a área identificada, contudo apresenta lacunas que devem ser realçadas. Apesar da dimensão da amostra ser elevada e considerada como excelente por alguns autores (e.g., Laros & Pasquali, 2005), a amostra é de conveniência e não probabilística, não sendo, por isso, representativa da população portuguesa. Desta forma, os resultados obtidos têm um carácter marcadamente exploratório. Em relação à distribuição geográfica da amostra, realça-se o facto de a maioria residir na zona da Grande Lisboa (50%). Para além disso, não foi estudada a validade divergente do instrumento nem a sua estabilidade temporal (teste-reteste) e só foi utilizado um instrumento para testar a validade convergente. Ainda em relação à validade convergente, o facto de esta não ter sido avaliada através da correlação entre as dimensões da escala e outro instrumento que meça um constructo semelhante também constitui uma limitação importante deste estudo.

Os estudos futuros com a versão reduzida da FES deverão ser desenvolvidos de forma a superar estas limitações. Neste sentido, seria importante testar a validade de constructo da escala através de uma análise fatorial confirmatória. O uso de procedimentos estatísticos mais robustos poderá contribuir para uma compreensão mais aprofundada da estrutura da FES, contribuindo para o suporte da investigação empírica sobre o ambiente familiar. Será necessário também replicar este estudo com amostras mais equitativas em termos da distribuição por zonas geográficas e incluir uma amostra clínica para avaliar a sensibilidade do instrumento. Os trabalhos futuros também deverão contribuir para o processo de validação da versão reduzida da FES, analisando a validade convergente deste instrumento através da correlação com outro que avalie um constructo similar, por exemplo, com a Family Adaptability and Cohesion Evaluation Scale (Olson, Porter & Lavee, 1989).

Devido às diferenças encontradas em relação aos grupos etários, sugere-se investigação mais aprofundada sobre a posição de que cada elemento da amostra ocupa e o/s papel/papéis que ocupa na família (avós, pais, filhos, netos, cuidador, dependente). A inclusão de outros grupos etários neste estudo poderia contribuir para uma melhor compreensão dos resultados, já que a literatura aponta para que exista uma disparidade de resultados entre resultados de crianças e dos seus pais (Loveland-Cherry, Youngblut & Leidy, 1989) e que a idade pode afetar a extração dos fatores no estudo fatorial (Oliver, May, & Handal, 1988).

Tendo em conta que este estudo apenas estudou diferenças entre famílias intactas e monoparentais, as investigações futuras deverão incluir outros tipos de família, nomeadamente, reconstituída, alargadas, fraternais e adoptivas. Para além disso, seria interessante conduzir um estudo diádico ou triádico para aceder às associações entre pais, mães e filhos em relação ao clima familiar, controlando o tipo de família.

Apesar das limitações apontadas e de este estudo ser apenas exploratório, os resultados sugerem que a versão reduzida da FES é um instrumento com características psicométricas adequadas, que pode ser utilizado por clínicos e por investigadores, em amostras de adolescentes, adultos emergentes e adultos, para avaliar a perceção sobre o ambiente familiar na população portuguesa.

Referências

Adams, D. A., Overholser, J. C., & Lenhert, K. I. (1994). Perceived family functioning and adolescent suicidal behavior. *Journal of the American Academy of Child and Adolescent Psychiatry*, 33, 498-507. *Journal of Family Therapy*, 22, 128-143.

- Alarcão, M. (2002). *(Des)Equilíbrios familiares, uma visão sistémica*. Coimbra: Quarteto.
- Balluerka, N. & Gorostiaga, A. (2012). Elaboración de versiones reducidas de instrumentos de medida: Una perspectiva práctica. *Psychosocial Intervention*, 21(1), 103-110.
- Barni, D., Ranieri, S., Scabini, E., & Rosnati, R. (2011). Value transmission in the family: do adolescents accept the values their parents want to transmit? *Journal of Moral Education*, 40 (1), 105-121.
- Beavers, R., & Hampson, B. (2000). The Beavers Systems Model of family functioning. *Journal of Family Therapy*, 22, 128-143.
- Boak, C., & Salmon, P. G. (1983). Demographic correlated and factor structure of the Family Environment Scale. *Journal of Clinical Psychology*, 39(1), 95-100.
- Borgers, N., Dronkers, J. & Praag, B. M. S. (1996). The effects of different forms of two- and single-parent families on the well-being of their children in Dutch secondary education. *Social Psychology of Education*, 1, 147-169.
- Bowen, M. (1978). *Family therapy in clinical practice*. New York: J. Aronson.
- Boyd, C. P., Gullone, E., Needleman, G. L. & Burt, T. (1997). The family environment scale: Reliability and normative data for and adolescent sample. *Family Process*, 36, 369-373.
- Bronfenbrenner, U. (1986). Ecology of the family as a context for human development: Research perspectives. *Developmental Psychology*, 22, 723-742.
- Bronfenbrenner, U. (1986). Ecology of the family as a context for human development: Research perspectives. *Developmental Psychology*, 22, 723-742.
- Bronfenbrenner, U. (1994). Ecological models of human development. In *International Encyclopedia of Education* (Vol. 3, pp. 37-43). Oxford: Elsevier.
- Brown, T. A. (2006). *Confirmatory factor analysis for applied research*. New York: Guilford Press.
- Canavarro, M. C. (1999). Inventário de Sintomas Psicopatológicos - BSI. In Mário R. Simões, M. Gonçalves & L. S. Almeida (Eds.), *Testes e Provas Psicológicas em Portugal* (Vol.2, pp. 1-27). Braga: APPORT/SHO.
- Carr, A. (2006). *Family therapy. Concepts, process and practice*. Chichester: John Wiley & Sons, Ltd.
- Caster, J. B., Inderbitzen, H. M., & Hope, D. (1999). Relationship between youth and parent perceptions of family environment and social anxiety. *Journal of Anxiety Disorders*, 13, 237-251.

- Charalampous, K., Kokkinos, C. M. & Panayiotou, G. (2013). The family Environment Scale: Resolving psychometric problems through an examination of a Greek translation. *The International Journal of Educational and Psychological Assessment*, 13(2), 81-99.
- Chedid, M., Romo, L., & Chagnard, E. (2009). Adolescents and marijuana: Links between the consumption level and family structure, cohesion and power. *Annales Médico-Phychologiques*, 16(7), 541-553.
- Chorpita, B. F., Albano, A. M., & Barlow, D. H. (1996). Cognitive processing in children: Relation to anxiety and family influences. *Journal of Clinical Child Psychology*, 23, 170-176.
- Cohen, J. (1988). *Statistical power analysis for the behavioral sciences*. Hillsdale: Lawrence Erlbaum Associates.
- Collins, W. A., & Laursen, B. (2004). Parent-adolescent relationships and influences. In Lerner, R. M. & Steinberg, L. (Eds.), *Handbook of adolescent psychology* (pp. 116-150). New Jersey/Hoboken, NJ: Wiley.
- Conger, R. D., Cui, M., Bryant, C. M., & Elder, G. H. (2000). Competence in early adult romantic relationships: A developmental perspective on family influences. *Journal of Personality and Social Psychology*, 79, 224-237.
- Cowan, P. A., & Cowan, C. P. (2006). Developmental psychopathology from family systems and family risk factors perspectives: Implications for family research, practice, and policy. In Cicchetti, D. & Cohen, D. J. (Eds.), *Developmental Psychopathology*. Vol 1 (Vol. 1, 2nd Ed.). (pp. 530-587). New York: Wiley.
- Crittenden, P.M. (1997). The effects of relationship experiences on relationship in adulthood. In S. Duck, S. (Eds.), *Handbook of personal relationships* (2nd Ed., pp. 99-119). New York: Wiley.
- Cronwther, F. H., Kichler, J. C., Sherwood, N. E., & Kuhnert, M. E. (2002). The role of familial factors in bulimia nervosa. *Eating Disorders*, 10, 141-151.
- Cruz, D., Narciso, I., Pereira, C. R. & Sampaio, D. (2013). A Short Form of the Portuguese Version of the Youth Self-Report. *Journal of Child and Family Studies*, 23(6), 1114-1127.
- Darrow, S. M., Accurso, E. C., Nauman, E. R., Goldschmidt, A. B. & Le Grange, D. (2017). Exploring types of family environments in youth with eating disorders. *European Eating Disorders Review*. 25(5), 389-396.

- Derogatis, L. R. (1982). *BSI: Brief Symptom Inventory*. Minneapolis: National Computers Systems.
- Devi, U. & Kiran, K. (2014). A study on the adolescent's perception about their family environment. *Journal of Humanities and Social Science*, 19(11), 01-04.
- Dias, M. O. (2000). Um olhar sobre a família na perspetiva sistémica. O processo de comunicação no Sistema familiar. *Gestão e desenvolvimento*, 19, 139-156.
- Dias, M. O. (2000b). A família numa sociedade em mudança problemas e influências. *Gestão e desenvolvimento*, 9, 81-102.
- Durand, D. (1979). *A sistémica*. Lisboa: Dinalivro.
- Elliott, L. M. (1994). *Children's perceptions of family environment in step and intact families* (Dissertação de Doutoramento). Universidade de Texas, EUA.
- Elmore, A. L., Nigg, J. T., Friderici, K. H., Jernigan, K., & Nikolas, M. A. (2016). Does 5HTTLPR genotype moderate the association of family environment with child attention-deficit hyperactivity disorder symptomatology?. *Journal of Clinical Child & Adolescent Psychology*, 45(3) 348-360.
- Enos, D., & Handal, P. (1985). Relation of sex and age to old and new family environment scale standard scores of white adolescent: Preliminary norms. *Psychological Reports*, 57, 327-330.
- Epstein, N. B., Baldwin, L. M. & Bishop, D. S. (1983). The McMaster family assessment device. *Journal of Marital and Family Therapy*, 9, 171-180.
- Figley, C. R. (1996). Traumatic stress: the rate of the family and social support system. In Figley, C. R. (Eds.), *Trauma and its wake (Vol. II), Traumatic stress, theory, research and intervention* (pp. 39-55). New York: Brunner & Mazel.
- Fontaine, P. (1983). Une famille saine. In Pina Prata, F. X. (Eds.), *Terapia Familiar familiar e Comunitáriacomunitária. 1º Encontro Europeu de Terapia Familiar e Comunitária*. Lisboa: APTFC. Coletânea de Psicologia Social Clínica.
- Fowler, P. C. (1981). Maximum likelihood factor structure of the family environment scale. *Journal of Clinical Psychology*, 37(1), 100-164.
- Fowler, P. C. (1982). Factor structure of the family environment scale: Effects of social desirability. *Journal of Clinical Psychology*, 38(2), 285-292.
- Francia, L. & Milleer, P. (2015). Mastery or misery: Conflict between separated parents a psychological burden for children. *Journal of Divorce & Remarriage*, 56(7) 551-568.

- Franzblau, A. (1958). *A Primer of Statistics for Non-Statisticians*. New York: Harcourt, Brace & World.
- Georgas, J., Christakopoulou, S., Poortinga, Y., Angleitner, A., Goodwin, R., & Charalambous, N. (1997). The relationship of family bonds to family structure and function across cultures. *Journal of Cross-Cultural Psychology*, 28, 303-320.
- George, C., Herman, K., & Ostrander, R. (2006). The family environment and developmental psychopathology: The unique and interactive effects of depression, attention, and conduct problems. *Child Psychiatry and Human Development*, 37(2), 163-177.
- Gondoli, D. M., & Jacob, T. (1993). Factor structure within and cross three family-assessment procedures. *Journal of Family Psychology*, 6, 278-289.
- Greeff, A. P. (2000). Characteristics of families that function well. *Journal of Family Issues*, 21, 948-962.
- Greene, R. C. & Plank, R. E. (1994). The short-form family environment scale: Testing a different response format. *Psychological Reports*, 74, 451-464.
- Halloran, E., Ross, G., & Carey, M. (2002). The relationship of adolescent personality and family environment to psychiatric diagnosis. *Child Psychiatry and Human Development*, 32(3), 201-216.
- Halvorsen, J. G. (1991). Self-report family assessment instruments: an evaluative review. *Family Practice Research Journal*, 11(1), 21-55.
- Hamilton, E., & Carr, A. (2016). Systematic review of self-report family assessment measures. *Family Process*, 55, 16-30.
- Harshaw, T.A. (1997). Homelessness, parental psychopathology, and family environment as predictors of anxiety, depression, and self-esteem in children. *Dissertation Abstracts International*: 57(10-B), 6674.
- Hinkin, T. R. (1995). A review of scale development practices in the study of organizations. *Journal of Management*, 21, 967-988.
- Hinkin, T. R. (1998). A brief tutorial on the development of measures for use in survey questionnaires. *Organizational Research Methods*, 1, 104-121.
- Hollis, C. (1996). Depression, family environment, and adolescent suicidal behavior. *Journal of the American Academy of Child and Adolescent Psychiatry*, 35, 622-630.
- Howard, M. C. (2016). A review of exploratory factor analysis decisions and how can we improve? *Journal of Human-Computer Interaction*, 32, 51-62.

- Ivanova, M. Y. & Israel, A. C. (2006). Family stability as a protective factor against psychopathology for urban children receiving psychological services. *Journal of Clinical Child and Adolescent Psychology*, 35(4), 564-570.
- Jacob, T., & Windle, M. (1999). Family assessment: Instrument dimensionality and correspondence across family reporters. *Journal of Family Psychology*, 13, 339-354.
- Jones, E. (1999). *Terapia dos sSistemas fFamiliare*s. Lisboa: Climepsi.
- Keiter, G. I., & Miller, I. W. (1999). Family functioning and major depression. *American Journal of Psychiatry*, 149(9), 1128-1138.
- Kronenberger, W., & Thompson, R. (1990). Dimensions of family functioning in families with chronically ill children: A higher order factor analysis of the Family Environment Scale. *Journal of Clinical Child Psychology*, 19(4), 380-388.
- Ladd, L. D. (1988). *Differences between young adult perceptions of family environment, family values, sexual behavior, sexual attitudes and attitudes toward divorce by gender and family type* (Dissertação de Doutoramento). Universidade Estadual de Oregon, EUA.
- Laros, J. A. (2005). O uso da análise fatorial: Algumas directrizes para pesquisadores. In Pasquali, L. (Ed.), *Análise fatorial para pesquisadores* (pp.163-184). Petrópolis: Vozes.
- Lau, S., & Kwok, L. (2000). Relationship of family environment to adolescents' depression and self-concept. *Social Behavior and Personality*, 28(1), 41-50.
- Linares, J. L. (1996). *Identidad y narrativa – La terapia familiar en la práctica clínica*. Barcelona: Paidós Terapia Familiar.
- Loveland-Cherry, C. J., Youngblut, J. M., & Leidy, N. W. K. (1989). A psychometric analysis of the family environment scale. *Nursing Research*, 38(5), 262-266.
- Lucey, C. F., & Lam, S. K. Y. (2012). Predicting suicide risks among outpatient adolescents using the family environment scale: Implications for practice and research. *International Journal for the Advancement of Counselling*, 34, 107-117.
- Ma, H. K., & Leung, M. C. (1990). The adaptation of the family environment scale to Chinese children and adolescents in Hong Kong. *International Journal of Psychology*, 25, 545-555.
- Mahabeer, M. (1995). Maternal perceptions of family environment in intact, widowed and divorced families amongst Indian South Africans. *South African Journal of Psychology*, 25(2), 112-115.
- Matlin, M. W. (2011). *The psychology of women*. Belmont: Wadsworth Publishing.

- Matos, P. M., & Fontaine, M. (1992). *Family environment scale – FES. Adaptação portuguesa. Manuscrito não publicado*. Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto.
- Meyerson, L. A., Long, P. J., Miranda, R., & Marx, B. P. (2002). The influence of childhood sexual abuse, physical abuse, family environment, and gender on the psychological adjustment of adolescents. *Child Abuse & Neglect*, 26, 387-405.
- Miller, E., McCullough, C., & Johnson, J. (2012). The association of family risk factors with suicidality among adolescent primary care patients. *Journal of Family Violence*, 27(6), 523-529.
- Minuchin, S., & Fishman, H. C. (2003). *Técnicas de terapia familiar*. Porto Alegre: Artmed.
- Moos, R. H., & Moos, B. S. (1986). *Family environment scale*. Palo Alto, CA: Consulting Psychologists Press, Inc.
- Moos, R. H., & Moos, B. S. (1994). *Family environment scale manual*. Palo Alto, CA: Consulting Psychologists Press, Inc.
- Moos, R. H., & Moos, B. S. (2002). *Family environment scale manual: Development, applications, research*. Palo Alto, CA: Mind Garden, Inc.
- Morgado, A. M., Dias M. L. V. & Paixão, M. P. (2013). O desenvolvimento da socialização e o papel da família. *Análise Psicológica*, 2, 129-144.
- Morrison, D. R. & Cherlin, A. J. (1995). The divorce and young children's wellbeing: a prospective analysis. *Journal of Marriage and the Family*, 57(3), 800-812.
- Moss, R. H. (1976). Conceptualization of human environments. In Proshansky, H. M., Ittelson, W. H. T., & Rivlin, L. G. (Eds.), *Environmental psychology: People and their phsysical settings* (2nd Ed.pp. 37-47). New YorkNY: Holt, Rinehart and Winston.
- Musick, K. & Meier, A. (2010). Are both parents always better than one? Parental conflict and young adult well-being. *Social Science Research*, 39(5), 814-830.
- Nielsen, N. (2006). Evaluation of family therapy. *Nord Journal of Psychiatry*, 60, 137-143.
- Noll, R. B., Gartstein, M. A., Hawkins, A., Vannatta, K., Davies, W. H., Davies & Bukowski, W. M. (1995). Comparing parental distress for families with children who have cancer and matched comparison families without children with cancer. *Family Systems Medicine*, 13(1), 11-27.
- Okon, D. M., Greenne, A. L., & Smith, J. E. (2003) Family interactions predict intraindividual symptom variation for adolescents with bulimia. *Wiley Periodicals*, 10, 450-457.

- Oliveira, J. (2000). *Psicologia da religião*. Coimbra: Almedina.
- Oliver, J. M., May, M. J., & Handal, P. J. (1988). The factor structure of the Family Environment Scale: Factors derived from subscales. *Journal of Clinical Psychology*, 44, 723-727.
- Olson, D. & Sprenkle, D. (1983). Circumplex model of marital and family Systems: VI. Theoretical Update. *Family Process*, 22, 69-83.
- Olson, D. H. (2000). Circumplex Model of Marital & Family systems. *Journal of Family Therapy*, 22, 144-167.
- Olson, D. H., Gorall & D. M. (2003). Circumplex model of marital and family systems. In Walsh, F. (Ed.). *Normal Family Processes*. New York: Guilford.
- Olson, D. H., Porter, J. & Lavee, Y. (1989). FACES-III: Family Adaptability and Cohesion Evaluation Scales. In Grotevant, H. D. & Carlson, C. I. (Eds.), *Family Assessment: A guide to methods and measures* (pp. 299-302). New York: Guilford.
- Olson, D., Porter, J., & Lavee, Y. (1985). *Faces III*. St. Paul: Department of Family Science, University of Minnesota
- Peleg-Popko, O., & Klingman, A. (2002). Family environment, discrepancies between perceived actual and desirable environment, and children's test and trait anxiety. *British Journal of Guidance & Counselling*, 30(4), 451-466.
- Peña, J. B., Kuhlberg, J. A., Zayas, L. H., Baumann, A. A., Gulbas, L., Hausmann-Stabile, C. & Nolle, A. P. (2011). Familism, family environment, and suicide attempts among Latina youth. *Suicide Life Threat Behavior*, 41(3), 300-341.
- Pinsoft, W., Zinbarg, R. E., Lebow, J. L., Knobloch-Fedders, L. M., Durbin, E., Chambers, A., Latta, T., Karam, E., Goldsmith, J., & Friedman G. (2009). Information technology and feedback research can bridge the scientist-practitioner gap: A couple therapy example Laying the foundation for progress research in family, couple, and individual therapy: the development and psychometric features of the initial systemic therapy inventory of change. *Psychotherapy Research*, 19(2), 143-156.
- Povodano, A., Hendry L. B., Ramos M. J. & Varela R. (2011) School victimization: Family environment, self-esteem, and life satisfaction from a gender perspective. *Psychosocial Intervention*, 20 (1), 5-12.
- Pratta, E., & Santos, M. (2007). Família e adolescência: A influência do contexto familiar no desenvolvimento psicológico de seus membros. *Psicologia em Estudo*, 12(2), 247-256.

- Prioste, A., Narciso, I., Gonçalves, M., & Pereira, C. (2015). Family relationships and parenting practices: A pathway to adolescents' values? *Journal of Child and Family Studies*, 24(11), 3258-3267.
- Rallins, M. A. (2001). *Family environment, family structure, and personality traits of adult children*. (Tese de Mestrado). Eastern Illinois University, EUA.
- Rekart, K., Mineka, S., Zinbarg, R., & Griffith, J. (2007). Perceived family environment and symptoms of emotional disorders: the role of perceived control, attributional style, and attachment. *Cognitive Therapy and Research*, 31(4), 419-436.
- Relvas, A. (2004). *O ciclo vital da família: perspectiva sistémica*. Porto: Edições Afrontamento.
- Roosa, M. W., & Beals, J. (1990). Measurement issues in family assessment: The case of the family environment scale. *Family Process*, 29, 209-211.
- Sahu, K. & Singh, D. (2014). A study of family environment and adjustment of young adults. *Indian Journal of Health and Wellbeing*, 5(10), 1213-1215.
- Santos, M., & Fontaine, A. (1995). Avaliação do ambiente familiar por crianças e pré-adolescentes: alguns aspectos da adaptação da F.E.S de Moos & Moss. *Avaliação Psicológica: Formas e Contextos*, 3, 421-430.
- Saucier, G., Wilson, K., & Warka, J. (2007). The structure of retrospective accounts of family environments: Related to the structure of personality attributes. *Journal of Personality Assessment*, 88(3), 295-308.
- Sbicigo, J. B., & Dell'Aglia, D. D. (2012). Family environment and psychological adaptation in adolescents. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 25(3), 615-622.
- Silva, N., Crespo, C., Carona, C., Bullinger, M., & Canavarro, M. C. (2014). Why the (dis)agreement? Family context and child–parent perspectives on health-related quality of life and psychological problems in paediatric asthma. *Child: care, health and development*, 41(1), 112-121.
- Skinner, H. A., Steinhauer, P. D. & Santa-Barbara, J. (1983). Family Assessment Measure. *Canadian Journal of Community Mental Health*, 2(2), 91-105.
- Stratton, P., Bland, J., Janes, E., & Lask, J. (2010). Developing an indicator of family function and a practicable outcome measure for systemic family and couple therapy: The SCORE. *Journal of Family Therapy*, 32, 232-258.
- Tabachnick, B. G., & Fidell, L.S. (2007). *Using multivariate statistics (5th Ed.)*. Boston: Pearson International Edition.

- Tiwari, P. K. (2008). Family and psychopathology: An overview series-1: Children and adults. *Delhi Psychiatry Journal*, 11(2), 140-149.
- Tolan, P., Gorman-Smith, D., Huesmann, R., & Zelli, A. (1997). Assessment of family relationship characteristics: A measure to explain risk for antisocial behavior and depression among urban youth. *Psychological Assessment*, 9(3), 212-223.
- Tung, S. & Dhillon, R. (2006) Emotional autonomy in relation to family environment: A gender perspective. *Journal of the Indian Academy of Applied Psychology*, 32(3), 201-212.
- Vezzetti, V. C. (2016). New approaches to divorce with children: A problem of public health. *Health Psychology Open*, 3(2), 1-13
- Vianna, V., Silva E., & Formigoni, M. (2007). Versão em português da Family Environment Scale: Aplicação e validação. *Saúde Pública*, 41(3), 419-426.
- Vostanis, P., & Nicholls, J. (1995). The family environment scale: Comparison with the construct of expressed emotion. *Journal of Family Therapy*, 17, 299-315.
- Walsh, F. (2003). *Normal family process: growing diversity and complexity*. New York: The Guilford Press.
- Wazir, N., Ismail, W., Chan, L. Naing, L. & Shah, S. (2016). Psychiatric morbidity and family environment among female juvenile detainees in Malaysian sample. *Journal of Child & Family Studies*, 25(11), 3342-3352.
- Yan, N., Benner, A., Tucker-Drob, E., Harden, K. & Harden, K. P. (2017). Mother's early depressive symptoms and preschoolers 'behavioral problems. The moderating role of genetic influences. *Child Psychiatry & Human Development*, 48(3), 434-443.